

melhores instrumentos. O bojudinho Sr. Ministro da Justiça é o sujeito do bumbo e dos pratos. Mas maranha e tataranha pela música inteira. O preclaro Sr. *Dous Jotas Seabra*, o estampido em figura de gente, é o trombone da petardada, e, nos dias grandes, sopra a cabaça da roncadeira, com que se arremeda o rugitar da onça. O adocicado Sr. *Lauro Müller* é o estradivário *made in Germany*. Executa as surdinas, os pizicatos e as fugas da bravura em teuto-brasileiro. O desinquieta Sr. *Álvaro de Carvalho*, músico em telegramas, é o compositor da fanfarrá, o Strauss das improvisatas e surpresas. Valseja indiferentemente à alemã ou à inglesa. O meigo Sr. *Carlos de Campos* é o rapaz dos tímboles e dos ferrinhos. Tem dous registos na goela, e, com as mãos, tintina, ou atabala, com o mesmo primor de notas opostas. E o Sr. *Altino Arantes?* Este só musiqueia em casa, quando a banda se ajusta para bodas e funçanatas. É, então, a menina do piano.

A filarmônica não será lá das mais numerosas. Mas, para as exigências da terra, tem as peças de resistência. Pouca gente, mas para muita. Porque, a respeito desses vinte e cinco milhões de almas, que somos, talvez, os brasileiros, caberão não menos de três milhões e quinhentos a cada um dos tropeiros.

(A questão social e política no Brasil, 58-61. Conferência pronunciada no Teatro Lírico, do Rio de Janeiro, a 20 de março de 1919. Edição anotada com intr. de Evaristo de Moraes Filho. SÃO PAULO, LTr/Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988).

*

O ENSINO SUPERIOR NA HOLANDA NO SÉCULO XVII (PAUL ZUMTHOR)

Os estabelecimentos neerlandeses de ensino superior apresentavam, em relação a quase todos os do resto da Europa, a vantagem da sua novidade. Criados a partir do nada, não estavam manietados por uma tradição medieval difícil de quebrar. Soprava neles um espírito novo.

Certo a Igreja entendia manter neles a supremacia da teologia. Mas esta, ainda que ficasse no centro, não dominava tudo. As ciências em que mais brilhavam as faculdades neerlandesas representavam as conquistas mais recentes do espírito: filologia greco-latina, estudo das línguas orientais, anatomia, astronomia, botânica, e a química nascente, esses ramos de um humanismo moderno, fundo na lingüística, na história e nas ciências da natureza.

O Estado recém-nascido que era a União sentia a necessidade orgânica de criar uma cultura própria, à medida da sua originalidade política e econômica. As qualidades fundamentais da inteligência neerlandesa influam neste sentido: gosto do concreto, preocupação da experiência e da aplicação prática, realismo. Todos os testemunhos do tempo atestam no burguês neerlandês um amor tocante pela ciência, misturado a uma curiosidade ávida e por vezes ingênua. As maiores perturbações de perspectivas não assustam os espíritos: Descartes verificava, desde 1630, que todos os sábios holandeses estavam conquistados pelas idéias copernicanas. Uma larga tolerância religiosa contribuía a vivificar a atmosfera das Faculdades. Nem sequer se exigia aos estudantes o juramento da profissão de fé.

(Zumthor, Paul - *A vida quotidiana na Holanda no tempo de Rembrandt*, 145. Trad. de Rogério Fernandes. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.)